

Mulheres pioneiras na Linguística brasileira: na história de algumas, nossa homenagem a todas

Adelaide H.P. Silva (Presidente da Abralin)

Ontem, no Dia Internacional das Mulheres, a Abralin, com a Comissão de Diversidade, Inclusão e Igualdade promoveu uma mesa redonda em parceria com a Comissão Especial de Processamento de Linguagem Natural da Sociedade Brasileira de Computação e o grupo Brasileiras em Processamento de Linguagem Natural. Intitulada “Mulheres na Linguística”, a mesa objetivava homenagear pesquisadoras que abriram caminhos, apontaram horizontes e disputaram espaços de igualdade e de direitos na produção de pesquisas em Linguística no Brasil e também numa área correlata à nossa, o Processamento de Linguagem Natural. O texto que se segue foi o que elaborei para apresentar a mesa.

Nossa motivação ao rememorar algumas linguistas brasileiras e, com elas, homenagear todas as mulheres na Linguística, lançando um olhar mais detido sobre aquelas que nos precederam neste nosso campo de atuação, se alicerça na concepção de que reavivar histórias de lutas e relembrar as conquistas que alcançamos até aqui nos permite, a um só tempo, compreender a presença das mulheres na Linguística hoje e continuar a luta para que tenhamos mais mulheres na Linguística, garantindo-lhes igualdade e diversidade num campo que ainda não dá as mesmas condições a mulheres negras e mulheres indígenas - e isto para citarmos apenas alguns poucos exemplos.

Re-memorar, re-lembrar, é também uma opção por trazer novamente à cena linguistas por vezes excluídas da memória da Linguística nacional. Quando a profa. Jorcemara Cardoso - da Comissão de Diversidade, Inclusão e Igualdade - e a dra. Livy Real - do grupo Brasileiras em PLN - se reuniram comigo para organizarmos ações conjuntas em comemoração ao Dia Internacional das Mulheres, eu comentei que a academia por vezes me parece injusta, no sentido de que, a despeito das muitas e significativas contribuições de muitas colegas, a aposentadoria as relega ao esquecimento, sobretudo se deixam de atuar por completo na academia, afastando-se dos programas de pós-graduação, onde muitos costumam atuar, mesmo aposentados. Por isso, parecia natural, até, que um evento que trata de inclusão, buscasse incluir minimamente as desbravadoras da nossa Ciência neste país.

Devo já esclarecer que não vou conseguir citar todas as Linguistas que nos precederam. Para isso seria necessária uma historiografia da Linguística nacional que focalizasse a atuação das mulheres (e já fica, nesta ressalva, o convite para que alguma colega leve a cabo tal empreitada). Tomo, então, algumas linguistas para representarem, nesta nossa homenagem, todas aquelas que nos

precederam. Para isso, faço um recorte, que não é necessariamente o melhor, mas apenas um dentre os muitos possíveis.

Nesse recorte, trago mulheres linguistas cujo trabalho nos abriu caminho para compreendermos melhor aspectos vários da estrutura e funcionamento da linguagem, com foco no português brasileiro, e cuja atuação acadêmica, nas várias frentes que tal atividade requer, desbrava nosso campo de atuação, conquista espaço e nos permite avançar na luta pela inclusão e igualdade.

Por isso, é impossível deixar de mencionar a profa. Angela Vaz Leão, primeira presidente da primeira diretoria da Abralín, no biênio 1973-1975. Filóloga, primeira diretora do Departamento de Letras da UFMG, foi homenageada pela Abralín, ano passado, por ocasião de seu centenário natalício, através de um texto belíssimo do prof. Ataliba de Castilho que rememora suas contribuições e sem as quais a Abralín não teria seguido adiante, já que foi a profa. Angela a responsável por todos os expedientes formais requeridos para o estabelecimento da Associação.

Cabe também mencionar as professoras Eunice Pontes, eleita secretária naquela primeira diretoria da Abralín, e a profa. Maria Antonieta Alba Celani, eleita tesoureira.

Cabe inclusive mencionar que a professora Eunice Pontes, que atuou na UnB e na UFMG, desbravou os caminhos da sintaxe, área a que se dedicou durante sua trajetória acadêmica. Outra professora que nos ajudou e ajuda a compreender a sintaxe do português brasileiro e processos de aquisição de linguagem é Mary Kato, atualmente professora colaboradora na Unicamp e com vasta produção na sua área de atuação, tendo formado muitos professores pesquisadores de universidades brasileiras.

Professora Maria Antonieta Celani, por sua vez, além de ocupar o posto de tesoureira da primeira diretoria da Abralín, foi uma das responsáveis por introduzir a linguística aplicada no Brasil. Atuou na PUC de São Paulo, tendo recebido o título de professora emérita daquela instituição. Lá, fundou o primeiro programa de pós-graduação em Linguística Aplicada da América Latina e criou, no final dos anos 70, o Projeto de Inglês Instrumental nas Universidades Brasileiras. O projeto envolveu mais de 20 universidades federais e órgãos como Conselho Britânico, Fapesp e Capes. Profa. Maria Antonieta, por sinal, orientou, dentre tantos outros, a profa. Mary Kato.

Outra desbravadora da linguística no Brasil, na área da Fonologia, é a profa. Leda Bisol, professora emérita da UFRGS e que atuou também na PUC do Rio Grande do Sul. Ela tem um percurso que se inicia na fonologia estruturalista e segue pela fonologia gerativa. Em décadas de atuação na academia, formou muitos colegas que enveredaram pela teoria fonológica *stricto sensu* e pela variação fonológica, sendo inegavelmente responsável pela formação de mais de uma geração de fonólogos brasileiros, que tentam compreender, guiados pelo seu trabalho, aspectos da sílaba, do acento, dos segmentos do português brasileiro, como por exemplo os ditongos ou a harmonia vocálica.

A profa. Carmen Barreto Matzenauer, por sua vez, não poderia deixar de ser lembrada nesta homenagem, em razão de sua trajetória de mais de três décadas pelo mundo vastíssimo da aquisição do sistema fonológico do português brasileiro, que ela trata à luz de modelos de análise fonológica. Esse caminho possibilitou à profa. Carmen trilhar um outro, correlato, o da linguística clínica, que une linguistas e fonoaudiólogos na tentativa de compreender e explicar desvios de um certo ‘padrão’ de aquisição dos sons da nossa língua. Como as linguistas que citei até aqui, a profa. Carmen abriu caminho para muitos colegas que hoje atuam nessa área.

E já que estamos falando do nível sonoro da língua, precisamos mencionar a profa. Eleonora Albano. Eleonora foi uma das responsáveis por introduzir, no Brasil, a fonética acústica, que trazia do seu doutorado em Linguística em Cornell, e de um estágio nos Laboratórios Bell. Tendo se formado à luz da fonologia gerativa, mas incomodada por dados de variabilidade de fala que a análise acústica revelava e que se mostravam sensíveis à estrutura do PB, Eleonora se ocupou, durante sua trajetória acadêmica na Unicamp, em tornar fonética e fonologia comensuráveis e, portanto, em desfazer a fronteira estabelecida entre ambas as disciplinas ainda pelo Estruturalismo Linguístico. Inspirada por um modelo dinâmico de produção de fala desenvolvido nos Laboratórios Haskins (EUA), propôs sua Fonologia Acústico-Articulatória, integrando fonética e fonologia justamente através da incorporação do dado acústico ao modelo de análise fonológica. Pioneira, no Brasil, na abordagem dinâmica de fatos do nível sonoro, Eleonora introduziu igualmente no país a vertente metodológica conhecida como Fonologia de Laboratório, que consiste em testar hipóteses fonológicas pela análise de dados de produção de fala. Formou diversos pesquisadores – dentre eles eu mesma – e possibilitou o desenvolvimento da Fonética Forense no país, através da orientação do doutorado de Ricardo Molina.

Ingedore Koch, que atuou durante a maior parte de sua carreira na Unicamp, foi grande responsável pela introdução da Linguística Textual no país. Seus trabalhos sobre coesão e coerência textuais são seminais, obrigatórios portanto a quem deseja caminhar pela área. Formou muitos pesquisadores durante sua vida acadêmica. É preciso acrescentar que os trabalhos de Ingedore Koch foram levados à Educação Básica e passaram a ser abordados de modo consistente quando da implementação de aulas de produção de textos nas escolas.

Eni Orlandi, por sua vez, foi quem trouxe ao Brasil a vertente francesa da Análise do Discurso, baseada nos trabalhos de Michel Pêcheux. Iniciando sua trajetória acadêmica na USP, migrou para a Unicamp onde fundou o Laboratório de Estudos Urbanos, que coordena atualmente. Trabalha com teoria do discurso aplicada a várias áreas, como ensino, mídia, história e religião. Eni tem uma vasta produção bibliográfica e orientou um grande número de trabalhos. E – ousou dizer, sem querer desmerecer quem quer que seja – que se hoje a análise do discurso é tão difundida no

Brasil, Eni tem uma grande parcela de responsabilidade sobre essa difusão, pois participou da formação de muitos colegas que atuam nas universidades brasileiras sob essa perspectiva.

Rosa Virgínia Mattos e Silva, durante as décadas de atuação na Universidade Federal da Bahia, abordou a história da língua portuguesa, tendo sido uma das pioneiras da área no país. Além de abordar a história do português no Brasil e em Portugal, desde as origens da língua até a contemporaneidade, enveredou pela sociolinguística e pela dialetologia. A profa. Rosa Virgínia, emérita da UFBA, acreditava que a compreensão sobre a história da língua portuguesa poderia contribuir para o ensino da língua e para o processo de alfabetização. Era forte defensora do diálogo entre Linguística e Educação Básica.

A profa. Miriam Lemle, emérita da UFRJ, instituição onde atuou durante seu percurso acadêmico, foi presidente da Abralin entre 1987 e 1989. Na UFRJ foi uma das responsáveis pela criação do primeiro programa de pós-graduação em Linguística do país, tendo participado da formação de professores oriundos de diferentes regiões do Brasil que iam estudar na UFRJ. Participou também da criação do curso de fonoaudiologia da UFRJ, tendo atuado como docente dele. Voltou-se à Gramática Gerativa e, dali, para a Neurociência. Seu percurso acadêmico levou-a a coordenar, no início dos anos 2000, o Laboratório Clipsen (Computações Lingüísticas: Psicolingüística e Neurofisiologia), que reúne equipe multidisciplinar de professores e alunos dos programas de pós-graduação em Lingüística e em Engenharia Biomédica da UFRJ.

Impossível terminar esta breve reunião de linguistas brasileiras sem mencionar a profa. Maria Helena de Moura Neves, que atuou na Unesp/Araraquara – de onde recebeu o título de professora emérita - e que nos deixou no final de 2022. A profa. Maria Helena nos deixou uma vasta obra sobre as relações entre texto e gramática, abordadas sob uma perspectiva funcionalista. Deixou-nos, ainda, muitas contribuições relacionadas à história da gramática e formou muitos pesquisadores, direta e indiretamente.

Aliás, todas as linguistas mencionadas são responsáveis pela formação direta e indireta de muitos de nós, bem como daqueles que nós formamos e que formarão outros, num ciclo de partilha de conhecimento e saber.

Todas essas linguistas conjugaram suas atividades acadêmicas – que, sabemos, não são poucas – com muitas outras, como o cuidado com os filhos, o cuidado com a casa e, não raro, o cuidado com os pais. E tudo isto, diga-se, sem qualquer olhar externo para a nossa múltipla jornada cotidiana. Por isso, o que fizeram e fazem não foi pouco. Iniciar uma área de investigação, propor modelos de análise, são tarefas das mais complexas, o que aumenta a magnitude de nossa admiração por essas linguistas. Ao mesmo tempo, a extensa jornada de papéis que desenvolvemos na academia e fora dela deve pautar nossas reivindicações por direitos a que não temos acesso, ou

para os quais o acesso ainda é muito limitado. Um exemplo? Cobranças por produtividade não diminuem se precisamos cuidar de pais doentes, ou se nós mesmas adoecemos.

Nosso desejo é que os caminhos que as Linguistas pioneiras trilharam possam inspirar muitas meninas a seguirem pela Linguística e a levarem adiante a disputa por espaços de igualdade e de direitos na produção de pesquisas em Linguística no Brasil. Tal disputa, hoje, se configura com aspectos diferentes daqueles enfrentados na academia no século passado, certamente, mas oferece desafios que precisam ser enfrentados para que novos espaços sejam ocupados.